



COLABORADORES

Afonso Duarte, Afonso L.
 Aníbal Carneiro, Augusto
 Gil, Correia de Oliveira
 Ivo, Fausto Guedes
 João Leite, João
 Silva Figueira
 José Pereira
 Brandão, Júlio
 Luís Felipe,
 beiro, Maria
 ches de Castro
 Simões, Verj

N



O

E
certo
desc
Con
tas
inte
com
riore
pelo
N
sup
po.

C
syn
de
char
men
seu
seu
muit

A
typo
mem
brya
epoc
quan
um
hom
man

A
cons
super
maio
super
prog
o es
uma

A's
tend
prop
lado
adap
futura
super

a un
sado
hom
rosar
hom
hosti
certo

El



A ÁGUA

REVISTA QUINZENAL

Director e proprietário, ÁLVARO PINTO
Editor e administrador, TERCIO DE MIRANDA

Preço do número — 50 rs.

Assinatura — 10 números, 500 rs.

Redacção e administração
Rua da Alegria, 218 — Porto.

Composto e impresso na Tipografia da
Empresa Guedes, R. Formosa, 244-Porto.

Os homens superiores na selecção social

Eu comprehendo o pessimismo de certos homens superiores e o seu desdém pela opinião das maiorias. Comprehendo a misanthropia de certas creaturas dotadas de superioridade intellectual ou moral. Dizia Goethe, e com razão, que «os homens superiores só pertenciam ao seu tempo — pelos seus defeitos».

Na verdade é assim: o homem superior está para além do seu tempo. Por isso é superior.

O seu tempo é formado por uma synthese de ideias, por um conjuncto de sentimentos, a que se poderia chamar a «alma das maiorias». O homem superior, estando para além do seu tempo, para além das opiniões do seu tempo, sente que a sua razão paira muito acima da razão das maiorias.

As maiorias são a mediocridade, o typo medio d'uma dada epocha. O homem superior, sendo o esboço, o embrião, a synthese individual, d'uma epocha futura, não pode furtar-se, de quando em quando pelo menos, a um sentimento de despreso pelos homens, pela massa commum da humanidade, pelas maiorias em summa.

A razão das maiorias é uma força conservadora; a razão dos homens superiores é uma força creadora. As maiorias são a estabilidade, o homem superior é o *perpetuum mobile* do progresso. As maiorias tendem a fixar o estabelecido; o homem superior é uma força de evolução progressiva. A's vezes o conflicto entre estas duas tendencias, uma estagnadora, outra propulsora e genesiaca, estala. D'um lado uma maioria que não pôde adaptar-se bruscamente a um estado futuro; do outro lado um individuo superior que não pode amoldar-se a uma epocha que para elle já é o passado. Por isso se comprehende que o homem superior ás vezes seja dolorosamente pesado ao commum dos homens; por isso se comprehende a hostilidade das maiorias em face de certos homens superiores.

Ellas defendem-se contra

brusco de evolução, contra um meio social, intellectual e moral, a que não podem adaptar-se ainda. Se as maiorias podessem assimilar rapidamente os progressos gerados pelo espirito creador dos homens superiores, o mundo seria um paraíso e a escala da perfectibilidade humana seria curta e facilima de transpôr.

As maiorias evoluem lentamente, caminham para o futuro e para o progresso devagar, muito devagar mesmo. Para acompanhar os homens superiores teriam de ir em marcha forçada. E as maiorias caminham sempre a passo, com receio de uma passada em falso. Não podem acompanhar os homens superiores, porque se sobrefatigariam. Por isso não admira que, quando certos homens superiores pretendem arrastal-as consigo, impellil-as vertiginosamente para deante, ellas puchem um bocadinho para traz.

Por isso se comprehende a hostilidade das maiorias e por isso se comprehende tambem que ás vezes ellas sejam para o homem superior penosas e intoleraveis.

Ha homens superiores que sabem que as maiorias não podem caminhar a passo estugado e tranzigem d'um certo modo, que é não perderem a paciencia para esperar. São poucos, todavia. A maior parte esquece-se de que o passo das maiorias é vagaroso e pausado e insurgem-se. D'ahi a sua misanthropia, o desdém pelo seu tempo e o seu despreso pelos homens. E por isso se comprehende que o orgulhoso Zarathustra, o Sobre-homem do poema nietzescheano, abomine por vezes o *rebanho escravo*, esquecido de que esse rebanho de escravos ás vezes tambem é *Sobre-homem colectivo* e *Sobre-homem-individual*.

Como em todas as especies, o sentido da evolução é esboçado por alguns typos isolados mais aptos, mais perfectos. Na especie humana esses typos são representados pelos homens superiores. O homem superior é o interprete de certas tendencias dispersas e latentes na massa commum dos homens, como o typo isolado, que esboça a variação util d'uma dada especie, é o interprete de muitos caracteres latentes d'essa especie. Esses «typos de vanguarda», chame-mos-lhe assim, são uma synthese necessaria, um poderoso processo de selecção natural para fixar novos caracteres.

A's vezes o conflicto irrompe? Necessariamente: a selecção não se faz sem lucta — e ai dos que triumpham sem luctar primeiro!

Este conflicto traduz-se na vida dos aggregados humanos pelo choque de duas correntes de philosophia social: a dos que reclamam para a vida das sociedades a supremacia soberana das maiorias, e a dos que reclamam a supremacia dirigente d'uma *élite*.

Mas não nos iludamos. Uma *élite*, antes de vencer, tem de fazer as suas provas. Como? Precisamente, luctando; não evitando o conflicto, accetando-o.

Senão veja-se: o que é uma *élite*? Uma *élite* é sempre uma minoria. Mas, e isto é de observação comensinha, se ha minorias progressivas, ha tambem minorias regressivas, que pomposamente se julgam *élite*.

Ha minorias que...

terminal e minorias que são uma força esterilizante.

E entre estas duas forças: uma no sentido do futuro, outra no sentido do passado; uma que impelle para diante, outra que pucha para traz: a maioria representa a força conservadora, a que estabelece e garante o equilibrio social.

E, como não ha nada capaz de destruir uma verdade, a minoria progressiva irá conquistando a maioria, irá absorvendo-a e transformando-a no sentido do futuro. A maioria deixar-se-á transformar lentamente, sem ondulações bruscas e penosas, porque esse é o sentido do seu bem-estar.

A natureza, na sua inconsciencia, parece mais sabia do que certos philosophos que julgam possível o triumpho da verdade e da justiça sem luta. Deixae que as minorias progressivas sejam vencidas no conflito! O triumpho das maiorias sobre ellas é aparente. No futuro triumpham sempre as minorias; a minoria progressiva nas socie-

dades que avançam e vivem, a minoria regressiva nas sociedades que recuam e morrem.

E' um conflicto doloroso? E', bem sabemos. Mas console-nos a ideia e a certeza de que não ha selecção sem luta, nem transformação que não custe a existencia de alguma coisa, e de que todo o progresso humano se faz atravez d'uma entre-luta para um entre-auxilio.

O direito dos homens superiores, das minorias creadoras, intelligentes e cultas, é proclamar a verdade. O direito das maiorias é discutil-a e valorizal-a pela resistencia.

Surge o conflicto? Bemvindo seja, porque representa o progresso. No fim da luta, o homem sahirá mais perfeito, terá adquirido mais uma porção de bem-estar, e será senhor de mais um pedaço de Terra-Propmettida.

Manuel Carneiro

SOMBRA

Vi-te uma vez, bem me lembro,
Quando passava na estrada.
Tinhas os olhos enormes,
E uns geitos de namorada.

Que linda! Nem reparaste
Em mim, na melancolia
Que te punha o rosto pálido...
Era quasi ao fim do dia.

Tinhas na tua janela,
Em flor, dois grandes craveiros.
Já a lua branca nascia
Como um ai, entre salgueiros.

Tornei a olhar-te de lonje:
Tinhas os olhos pregados
Nalgum sonho imenso e vago,
Como os céus já mal doirados...

Nunca mais tornei a ver-te,
Para que foi que te vi?!)
Mais tarde ouvi que morrêras,
E não mais falou em ti.

...te levada
...ersos...

Sobre educação

I

A educação dá a medida da liberdade humana. Todo o educador encontra na sua frente um *dado* irredutível constituído pela *erança* e pela anterior adaptação. Se nesse *dado* entram elementos psicológicos dominadores ou apenas elementos fisiológicos condicionando, mas não necessitando a vida moral, é um problema que, por agora, afastamos.

E' todavia certo que todo o homem culto possui, além da vastíssima *erança* do seu passado biológico, a riqueza duma determinada tradição histórica e da tradição da cultura humana.

Com o homem aparece na vida uma nova forma de *erança* — a memória da cultura. A *erança* animal é necessitante e orgânica: inscreve-se no indivíduo em caracteres anatómicos; a *erança* humana condiciona apenas: sem ser necessitante, inscreve-se na lingua, na ciência, na filosofia e na arte. A forma de *erança* humana mais próxima da *erança* animal é a tradição religiosa. Essa, sem inscrever nos caracteres anatómicos do indivíduo os seus dogmas e ritos, constitui pelo seu automatismo mais uma *dressage* que uma educação.

Ainda nela á, contudo, uma certa liberdade, como o demonstra o facto do seu progresso ou antes da sua evolução. E', pois, a educação justificada como forma transmissora das conquistas da cultura humana. Ainda quando a *erança* sociológica fosse necessitante, como o é nas sociedades estagnadas, o seu necessitarismo seria apenas de ordem social e não biológica.

De facto, nas nossas sociedades a educação transmite, *mas seleccionando*, a cultura da raça e da espécie. Ela é, por isso, a medida do alcance da nossa liberdade na determinação do futuro. E' costume dizer-se que uma educação faz um povo e é também costume responder-se que um povo faz uma educação. Ambas as afirmações são verdadeiras. Um povo é um conjunto de tradições, portanto de *erança* e de sentimentos. Um

Os COLABORADORES D'A ÁGUA

povo é também um complexo de aspirações, por isso mesmo que é um complexo de ideias. De forma que, num povo como num homem, há sempre uma dualidade entre a parte do carácter, que é a objectivação do passado, e a parte do carácter, que é a antecipação do futuro. Por isso a educação depende da tradição mental do povo e faz a transmissão e enriquecimento dessa tradição. O progresso humano faz-se por via de múltiplos factores, entre os quais, como diz Tarde, a invenção (prefero elaboração selectiva) de fórmulas e verdades novas pelos homens superiores e a imitação pela maioria. Dentro desta sintética fórmula a educação será constituída pelo conjunto de processos capazes de darem à maioria as invenções do passado (antecipações do futuro) intencionalmente dirigidas para a construção do futuro. O problema da educação é, pois, o problema de transmissão da cultura. Ele tem tres aspectos. A escolha dos elementos essenciais da cultura — *aspecto filosófico*.

Processos de transmissão desses elementos — *aspecto pedagógico*.

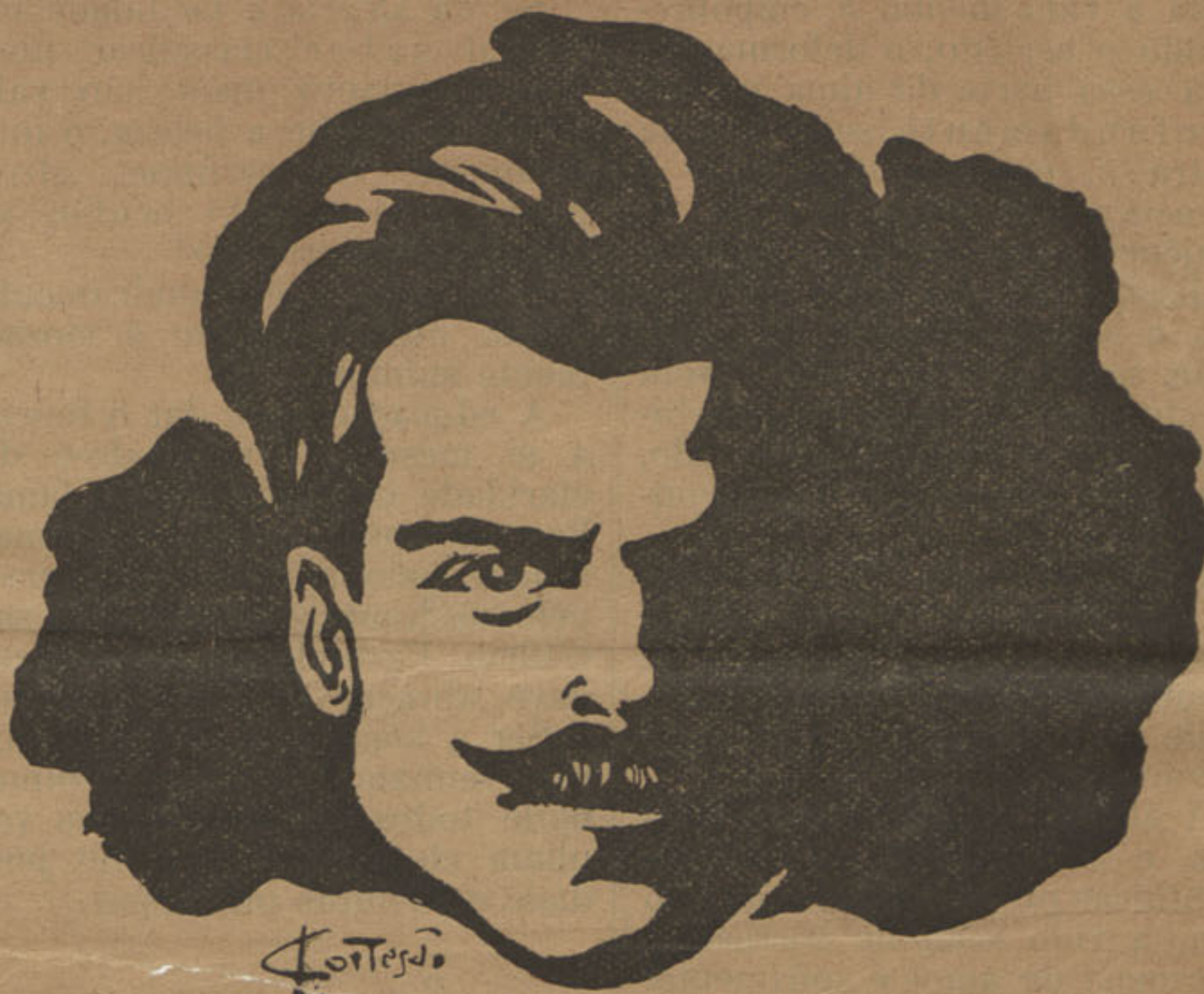
A pedagogia tem de atender às leis gerais de psicologia que lhe fornece os meios e à moral que lhe determina o fim. Esta é pedagogia geral. Na aplicação atenderá às características psicológicas individuais e à moral prática, que, deixando a virtude teórica, perfeição, etc., olhará à possível perfeição e virtude de cada educando.

Os factores da educação apresentam o *terceiro aspecto*. São a família, a rua e a escola. Qualquer destes factores pode atuar por acção directa ou por *acção difusa*, na feliz expressão do illustre escritor José de Magalhães.

* * *

A escolha dos elementos essenciais da cultura é um problema em cuja discussão é difícil conservar a imparcialidade serena que é precisa à análise filosófica. Interesses de toda a espécie se conjugam para que se complique e desvirtue a verdade.

Em primeiro lugar os interesses económicos exigindo que a instrução deixe a sua verídica



T. de P.

(Desenho de Jaime Cortezão.)

missão de *processo* educativo, envolvendo-se em instrumento de imediata e exclusiva adaptação à vida económica. Ela seria sómente um meio de ganhar o pão e por aí se quedaria o seu destino social. Isto é o que alguns chamam educação utilitária.

A' aqui acanhamento e audácia. Acanhamento de horizontes intellectuais e audácia revolucionária. A cultura humana é de facto prática, mas é-o por *surcroît*.

A ciência é o prolongamento gigantesco da enxada e da charrea. A filosofia é o complemento da ciência. A arte é o prolongamento transformado dos primitivos *tónicos* da acção. A ciência responde às necessidades do homem; unicamente as necessidades do homem se espiritualizaram e, de imperiosamente animais e instintivas, se fizeram reflectidas e *discutidas*. Com a ciência o homem deixa de ser escravizado ao presente para poder *especular* e *viver* no futuro. A ciência é desinteressada. O homem começa a fazer ciência, quando deixa o raciocínio emotivo, prático, pelo raciocínio lógico, teórico.

O primitivo pensamento animista, semiador de religiões, di-

ferenciou-se, dando uma forma de pensamento desinteressado, imparcial, que é o raciocínio científico. A ciência não corresponde às necessidades imediatas da sensação, mas à elaboração superior, à necessidade *no* de coerência e elegância lógica. A utilidade imediata desvia a ciência do seu fim, que é abstracto e teórico. Por isso a cultura científica não pode ser sujeita à utilidade prática, mas sim, como é a dependência verdadeira, a utilidade à ciência.

O estudo das literaturas e da história é quasi ou totalmente eliminado por esses utilitários, que se julgam na vanguarda do progresso. E' ainda um erro.

Abstraindo, por agora, do valor pedagógico intrínseco desses representantes da cultura, é ainda imenso o papel educativo das literaturas. A ciência resultou, como vimos, dum profundo trabalho de elaboração e teorização. O pensamento humano permaneceu e permanecerá emotivo e prático; o pensamento científico é impessoal, teórico e abstracto. De modo que a educação estritamente científica, desprezando essa parte *viva* do espírito humano, produzirá isolada ou conjuntamente dois

efeitos perniciosos. Ou o pensamento científico se apodera de toda a vida mental e, empobrecendo o espírito, o deforma; ou fica essa parte da alma humana profundamente separada da outra e, estando dum lado a ciência e de outro a Vida, as exigências da Vida produzirão a indisciplina e confusão mentais. Ou o sábio, monstro de gabinete, sem alma, sem amor e sem afectos; ou o homem duplo — lógico no seu gabinete de estudo, prelógico, supersticioso e inconsciente na rua.

Nas literaturas vivem todos os sonhos e aspirações humanas. Todas as experiências de sentimento aí aparecem: a curiosidade *nova*, o amor, o enternecimento, a audácia.

A alma arrastada para a rigidez e secura das abstracções científicas precisa tomar contacto com a vida real, de sorrisos e lágrimas, de amor e sofrimento, de dedicações e eroísmos. Que monstruoso homem esse que a

passa ruminando fórmulas e esquecendo a vida!

Se dá alegria e facilidade intelectual saber classificar uma planta, quanto mais não vale poder sentir-lhe a beleza, o embriamento de perfume, adivinhar-lhe o sentido oculto, as palpitações intranhas!

E tudo isto é economicamente inútil, mas tudo isto é moralmente sublime.

A educação deve dar o homem a si mesmo, envolvendo-o de claridade interior; dá-lo à família pelo enternecimento, à humanidade pelo amor, ao Universo pelo deslumbramento e pelo sacrifício. Partindo de si, o homem deve abraçar todo o Universo.

Ser a boca onde todas as dores venham cantar; os olhos onde todos os sofrimentos venham chorar lágrimas de piedade e ternuras universais.

Leonardo Coimbra

POETA

Os homens são todos cegos, e os cegos ainda são os que teem

Ter olhos só — é cegar. Com eles vemos apenas a face fria e impassível das coisas.

E o ouvir e o palpar não passam de imperfeições. Que importam o corpo flecuoso duma árvore, a ríjida tenacidade do mármore, os gorgolejos dormentes duma fonte, os ondeios da névoa e os dum busto de mulher?

Que importa, se lá dentro pôde aver tumultos de lava, o delírio dos sonhos, a onda trasbordante do mistério, as asas do anseio divino e os milagres latentes da bondade?

Ver é abituarmo-nos a julgar as coisas pelas aparências: olhar formas tácitas, onde murmuram Almas; descortinar um gesto único, onde redemoínham as espirais flamíferas duma batalha; e entrever um pálido olhar na face da Vida, quando infinitos olhos febricitantes se fitam sobre nós continuamente.

São as Almas rodeadas de altíssimas muralhas; e ver, ouvir, palpar é multiplicar à nossa roda esses insuperáveis obstáculos, que das outras Almas nos separam, persistindo sem descanso na empresa dos Titãs de acumular montanhas, que desabam

continuadamente, sem que atinjam jamais o Céu.

Ver é transpor um muro que nos prendia, e quando já exultávamos numa sonhada liberdade, deparar-se-nos pela frente uma cordilheira infinita, que nos cerra a passagem.

Ah! pudéssemos nós ver, viver, entrar na intimidade das coisas, e a solidão do Mundo seria de súbito povoada por uma infundável multidão de vidas; em mil faces seriam mil novas expressões; viria o Março ao mais estéril torrão da mais ressequida gleba; de cada misérmo mendigo surgiria um Jesus disfarçado; e os mistérios todos, um a um, viriam entregar-se na nudez absoluta à posse ansiosíssima da nossa Alma!...

Ah! pudéssemos nós ver para além, mas muito para além da superfície de cada coisa... era abrir os batentes a outras tantas portas dando para novos orizontes, novos céus, pélagos, abismos, onde circulassem rios de nebulosas e de constelações!...

O Mundo é para os nossos olhos um imenso cárcere de mistérios.

Mesmo de homem para homem, quanto mistério não vai!... Numa rua, ao nosso lado, ombro a ombro, podem passar Almas em sangue a gotejar aflicção e desespero, ou transidas de júbilo no ascender perpétuo duma alvorada, ou poluídas com as deda-

das indeléveis da vergonha, ou incendiadas de paixões vertiginosas, sem que a névoa duma suspeita sequer nos roce a consciência.

E o mistério que a nós mesmos nos devora?...

A alegria, o sofrimento, o amor que sentimos é só a parcela fugaz, a diluída imagem, o eco, a sombra, a cinza, o luar dum outro júbilo, duma dor bem diversa, dum oculto amor, que do fundo inacessível da nossa Alma envia à superfície apenas o seu reflexo em dúbios e trémulos raios...

A nossa Alma superficial balbucia apenas em galreios infantis o que para a Alma imersa, profunda e transcendente é já a linguagem calorosa e onipotente da Verdade.

Estes — o comum dos homens, que outro bem diferente é o Poeta.

O homem é o prisioneiro dos seus sentidos, e o Poeta é o que, rompendo esse cárcere para logo caminha liberto, e paira e voa vertiginosamente num perpétuo, surpreso, extasiado deslumbramento pelo mundo imenso, encantado, pululante de maravilhas, que fica para além dessa prisão. Do fruto da Vida roçam os homens apenas a casca, a epiderme uniforme, enquanto os Poetas cravam os dentes, provando mil inéditos sucos, nas profundidades virgens da polpa.

O Mundo é como a rocha de Horeb, dentro da qual cachoa a água da Verdade e da Beleza, ansiosa por brotar: e os Poetas — o ponto da rocha, onde bateu a vara dum Moisés oculto, para que a água se despenhe em mananciais duma abundância infinita.

Verrier, Newton e Laplace viram sem a luz dos olhos, a distâncias fabulosas, gravitar outros mundos pelo Céu, sentiram-lhes os movimentos e determinaram-lhes as leis; mas os Poetas desvendam, franqueiam outros mundos que estão à nossa volta, sob os nossos pés, ao alcance dos nossos braços, em contacto conosco, dentro de nós mesmos e que sendo até aí os vedados e lonjínquos paraísos, tornam-se assim habitação comum de todos os homens.

Ser poeta é libertar todas as Almas, é vê-las com o líquido olhar de enternecidas lágrimas, chorando, falar com elas, fazer cánticos sublimes desses tácitos colóquios e entregá-las depois, ao som de ritmos sugestivos, na sua surpresa virjindade, ao coração dos homens, ávido e insaciável.

A mais que o homem, tem o Poeta — os olhos cândidos duma criança

eterna, o coração dadivoso duma mulher apaixonada, e para compor os seus cantos um lécsicon exclusivo de palavras intrínsecas de sangue, fogo e cristal.

Poeta é o que vê a árvore sem o tronco, a fonte sem a água, a nuvem sem o vapor, o que assiste ao acordar duma semente estremunhada, o que vê o primeiro passo duma Alma que se despenha no Amor, que grita em mil vozes o que os outros apenas balbuciam, que em si realiza os desejos de todos os omens e que adivinha em cada época o filho que a Humanidade cria em gestações de sonho.

Poeta é o que faz dentro de si as novas experiências do Amor e do Mistério, para depois trazer ao Mundo uma mais alta verdade. *Nihil sub sole novum* é a confissão inconsciente duma impotência vaidosa.

Por estranhas vias comunica o homem com o Universo. Poeta é o que reflui sobre si mesmo, e interiorizando-se segue por esses misteriosos caminhos a encontrar-se em fraterna comunidade com tudo quanto na Vida anseia, sonha, grita, murmura, reza e desmaia — árvores, pedras, rios, oceanos e estrelas, para depois indicar aos omens o maravilhoso itinerário e ensinar-lhe a repetir a mesma viagem.

O verdadeiro Poeta é o que nessas abismais imersões vai acender novas estrêlas nos recantos da Alma até então escuros, e volta de lá à superfície, transfigurado, alucinado, com uma centelha de Infinito nos olhos pávidos, para cantar a sua visão numa ebriedade divina.

Canta: e a pouco e pouco, acomedidos também de embriaguez, somos levados numa torrente de energias que afloram; asas á muito adormecidas partem numa revoada épica; os gritos, as apóstrofes, as invectivas patéticas, os reptos, os apelos frenéticos do Poeta repercutem-se em nós; impelem-nos, em propulsões calefiantes, bandadas de Almas em delírio, até que já de todo preses nesse arrasto vertiginoso atinjimos as culminâncias sublimes, donde todas as coisas ganham um novo e virjinal sentido.

Ser Poeta é confessar a Eternidade, é ter o instinto do Divino, é viver na Beleza imortal, é arder, volatilizar-se, diluir-se num cósmico Amor.

Ser Poeta é despir as palavras e fazer ouvir apenas o que á nelas de silêncio.

Poeta é o que vive na intimidade da Alma e se aquece lá dentro ao fogo do seu lar.

Poeta é o que vibra e canta, que

se exalta e se extasia, se desentranha em risos ou em lágrimas ao mínimo sôpro de emoção.

Poeta é o que sente a saudade de ter sido Deus e o desejo de o tornar a ser.

Eu sou Poeta. Não são os meus lábios que o dizem, porque estão mortos, nem às minhas palavras, porque são esqueletos: é a Vida, que em mim fala seu claro Verbo de Beleza transcendente.

Eu sou a frágua entre mil fráguas da Montanha, que abriu a rude carne em lábios de fonte para matar às outras a sua sede imortal. Sou o respiráculo por onde o trágico e sepulto incêndio da Vida se atirou em ofegantes labaredas para fundir na sua torrente de fogo e transformar na sua essência o coração dos omens, que é de gelo e pedra.

Quando o meu Deus sôbre mim desce na sua çarça de inspiração ardente, meu sêr comunga o ritmo dos astros, atravessa-o um arrepio de Infinito e Eternidade, e embebido, en-

charcado, diluído num luar de sonho, sinto afluir à minha boca numa aluvião tempestuosa de gritos, vozes e inos formidáveis, todas as vidas do Universo.

Sim, eu sou e tenho de ser, porque sinto atrás de mim o ruir das catadupas, porque o sangue do meu corpo arde e corre como a chama, porque tenho em mim a energia de tudo o que se precipita, a vontade dos criadores, o orgulho dos que se conhecem, a umildade dos que se entregam, o Amor dos que a si mesmos se olvidaram, e porque o meu pensamento é ajil como a asa, a flecsa, o vento, o raio.

Não sou a carne, sou a essência: não sou o lábio, sou o grito; não sou a lenha, sou o fogo; não sou a sede, sou a fonte.

Sim, eu não tenho fôrma, sou a Vida.

Alfonso Duarte

ROMANCEIRO DAS ÁGUAS (ESCERTO)

No seio das Florestas e no seio dos Rochedos nus, a Água é a Vida: é seiva licorosa e apetecida por cada ramo em flor, ou tronco, ou veio de nervura crescente. E inflando a Rocha em filões desabrocha é fonte viva, é límpida nascente.

E, noite dentro, quando não á império de Omens que a detenha de quebrar o silêncio da Montanha, é Água que tumultua como cega sonâmbula evocando os Espectros da Lua.

E' o voluptuoso olhar dos olhos de Água que por Vales e Montes vai cantando a planta rasteirinha e a dura frágua.

E quebrado de lágrimas e de alma, no verbo sensual da noite calma, é o eco primitivo onde se culta a voz dos Omens, a palavra culta.

Sim: foi destes instintos de cantar como cantam ao longe os olhos de Água que nasceu o Ritmo e a saudade e o verso: e é que as Mães aprenderam a embalar os filhinhos de berço.

Coimbra.

Alfonso Duarte

CARTA PERDIDA

Sim, dizes bem, eu não te sei amar! Porque saber amar—não é assim?—é ter medida nos transportes, calma no desejo, uma moderação cheia de paciência e de umildade, uma parcimónia em todos os arranques e em todos os ardores. Saber amar é saber limitar o amor a um quarto de ora de efusão; saber amar é saber restringir-se.

Não, eu não te sei amar!... Sinto fogo nas veias quando me enlaças ao peito, sufoca-me uma áncia de te possuir *in aeterno*, de fazer do teu corpo uma posse ininterrupta...

De perto e de longe, *sinto-te* em mim constante, soberana rainha, senhora dominadora. Desde que te amo, sei que a ausência é uma palavra vã. Não á maneira de estar sózinho. Guardo-te nas minhas veias, na espessura das minhas artérias, no fundo do meu coração. Tenho-te sempre presente em mim mesmo, como se o meu ser se tivesse imbebido do teu ser.

Surpreendo-me a lembrar palavras tuas, a comover-me com a memória de tais palavras, numa embriaguez de vinho velho. A minha vida é um eco da tua.

De noite, na cama, penso na tua boca, e *vejo-a*, nitidamente a vejo, estendendo para mim os seus lábios sensuais. E penso então: A boca dela tem uma frescura tão grande que me parece um jardim com degraus de mármore e todo regado e embebido de orvalho.

E dentro da minh'alma, da minha pobre alma atormentada, impera, soberana, iniludível, vitoriosa, absoluta, a obsessão da tua boca!

Sim, dizes bem, eu não te sei amar.

Amo-te exajeradamente, profundamente, como se ama o sangue das nossas veias e o ritmo da nossa respiração. É uma sêde exclusiva. E em todo este amor *único* aplico a minha ignorância selvagem, a minha espontaneidade injénita, a minha sêde voraz de te beijar a carne, de fazer minha com os meus beijos a tua carne—a tua carne de *seda* e de mármore...

Quando escrevo as minhas cartas, e quando as releio, com os olhos num fulgor de duas estrelas novas, e quando penso comigo mesmo que vão ser agasalhadas no teu seio, que vão aninhar-se entre essas duas redondas taças que o ardor das minhas palavras faz altear e crescer, como um copo cheio de espuma, sinto nelas—

nas minhas sinceras, nas minhas desordenadas cartas—o calor vivo do teu corpo e a antecipação feliz dos meus beijos. Quasi que as amo, como aos teus braços, e que as beijo, como ás tuas divinas mãos... Ligo tão estreitamente e duma maneira tão nitidamente e tão *implacavelmente* material o facto de escrever as minhas cartas e a lembrança que vão ser recebidas no teu seio, que sinto ao escrevê-las toda a comoção sensual e toda a olímpica doçura, que é sentir arfar, confessadamente, debaixo dos meus dedos, essas duas colinas de carne branca num estremecimento de montanha sensível.

E quando te vais, depois de uma entrevista apressada, no *nosso* quarto côr de malva, deitando-me de longe o teu ultimo adeus, ou sorvendo na minha bôca o meu último beijo, fica ainda no ar o teu sorriso, o ardor do teu olhar, o teu perfume, toda a suave transcendência do teu ser. Parece que os objectos tomaram alguma coisa de ti e que se banharam na tua alma. Sinto-os *diferentes*, com uma beleza imanente como ensopados numa claridade nova. E tão impregnado sinto o ar da tua pessoa, que tomo consciência da tua volatilidade.

Nas paisagens que contemplo durante o dia, léguas distantes de ti, nas estrêlas que palpitam no céu num abrasamento orijinal, no que me rodeia cantando ou que me cerca florescendo, és *tu* que eu vejo, *tu* que eu ligo a todas as coisas, *tu* que eu caso com todas as armonias do Universo, *tu* que eu contemplo em tudo e admiro em tudo. E o encanto—o ambiente encanto que me enche de fervor—é o teu *encanto*, o teu único *encanto* que espalho pelas coisas e que os meus olhos comovidos diluem no Universo.

Sim, dizes bem, eu não te sei amar... Pois se eu amo em ti todo o mundo, não te estou traindo sempre? e é traindo mais que se ama mais?

Queres saber? ontem passei pela tua porta só para sentir a tua proximidade. Sabia que não chegarias á janela e que não poderia ver-te. Mas que me importava? não me ia eu sentir na zona da tua respiração, viver por momentos na tua ambiência? E fui. As janelas estavam fechadas e só numa descortinei uma luz mortíca, muito fraca, uma luz de lamparina alumando imagens. A suposição de que estivesse ajoelhada diante daquela imagem do Cristo que possuis no teu quarto, tão artística e tão fina, deu-me vontade de ajoelhar

Os Colaboradores d'A ÁGUA



C. de C.

(Desenho de Verjílio Ferreira.)

também sobre as pedras úmidas, desde que ajoelhar é confessar á Vida que a nossa alma está cheia de amor.

De repente vi passar um vulto e pensei que fosses tu. E essa ideia deu-me um prazer tão grande como se tu tivesses passado na minha própria alma.

Fiquei assim muito tempo, olhando a janela e *adivinhandote*. Na rua não avia viv'alma; caía uma chuvinha meúda, lenta, umectante e teimosa; no ar transparecia apenas um murmúrio de coisas distantes—ruídos de carros ao largo, imprecações lonjínquas e de quando em quando um latido triste... e a tua casa, entre a chuva renitente, parecia amortalhada num silêncio pesado e numa treva de morte. Mas que importava, se eu sabia que tu estavas *lá*, e que o ar que *respirava* cá fora talvez te tivesse já banhado os pulmões e deles tivesse saído mais puro, mais animador da vida, mais digno de ser respirado!

Assim fiquei muito tempo, encostado a uma parede, surpreendendo o teu vulto em todas as coisas próximas... Sobre mim caía uma chuvinha meúda, insistente, e os pontos brilhantes das luzes, no espaço úmido, lembravam olhos lânguidos, molhados, chorando um choro triste. Mas no meu coração só havia uma grande satisfação platónica e a consciência da tua proximidade.

Mas de repente assaltou-me a cruciante ideia de que *tudo* tinha sido sonho... e senti a necessidade impreterível de me certificar, de te ter novamente nos meus braços, de saber que fui bem eu que te possuí, e não a imagem do meu *eu* cheio da tua imagem. Por vezes tenho destas dúvidas crueis. E pergunto a mim mesmo: *Teria sido ilusão?* Meu Deus! Como é triste saber que a prova tem de ficar lonjínqua e que ainda tenho de duvidar!

Se ouvesse uma maneira de me fundir contigo, de formar contigo um outro *ego*, um ser com individualidade própria, se por uma reacção das nossas vontades, dos nossos desejos, dos nossos ardentes amores, eu me pudesse *combinar* contigo! Sabes daquelas reacções em que dois corpos outrora separados, desconhecidos um do outro, seguindo cada qual o seu caminho no Universo, se encontram de repente, acham um destino comum e formam uma nova fonte de energia, libertando um calor enorme do seu abraço absorvente e criador? Eu queria esse abraço fundente, penetrante, exotérmico, sentir-me *eu* em ti e sentir-me *ambos* num só! Que supremo orgulho para a Matéria, formarmos o cáos com o nosso abraço, anularmos o nosso *eu* na integridade da nossa posse!

Olha, ás vezes, perto do teu corpo, o mais perto que pode ser, sinto obsessões, atracções dum abismo incognoscível—sinto desejos de me perder em ti...

E não és tu, em todo o caso, a mulher que eu *criei*? Não me deve orgulhar o poder criador?

Sim, tu és a mulher que eu tornei *diferente*, ao sopro quente da minha paixão; aquela que eu *redimi* e *conquistei*; aquela que é *minha*, minha não só no acto fisiológico do amor, mas nas suas entranhas e no seu coração.

Fui eu que te fiz, mais de que teu pai e de que tua mãe. Tua mãe trouxe-te no seio; eu fiz mais: penetrei a tua vida da minha. Animei-te do fogo sagrado. Modifiquei-te. Tornei-te forte. Dei-te a coragem de te opores. Dei-te o mássimo orgulho. Dei-te o supremo desprezo. Ensinei-te a rir e a desprezar. Ensinei-te a ser forte na tua pureza, e a ser grande na tua bondade. Dei aço inquebrantável á tua alma luminosa de diamante. Foi uma mulher *nova*, soberana, esplêndida, olímpica, que eu criei.

Sim, dizes bem, eu não te sei amar!
E's obra minha, não devo adorar a

minha obra. Seria vaidade. Seria pecado mortal. Seria mais do que vaidade—seria um incesto...

Mas vem, vem! Eu quero pôr-te com olheiras fundas. Como deves ficar bem com olheiras. Serão alos d'astros nos teus olhos astrais. Vem, vem! Eu quero ver-te com os lábios róxos. Como te devem ficar bem os lábios róxos! Imagina como serias bela, com os teus lábios de côr das violêtas... Vem, que eu quero extenuarte—quero ver como tu deves ficar linda depois de morta...

O quarto está já preparado. No jarro ha já as flores que tu amas. Tenho versos novos para te ler. A cama está já aberta. E parece dizer: *Eu espero por ela!*

Vem, vem, minha amada... Es-

peraste cinco meses, dirás tu, também podes esperar mais uma noite... Mas já te disse uma vez — lembraste? — naquele dia em que cheguei do Algarve: «Cinco meses passam depressa, mas cinco minutos não.»

Vem! vem! vem!

E' ser ezijente, não é, amor?

E' ser sacrílego, ser incestuoso, ser o que tu quiseses, não é certo?

E' amar muito, desejar muito, adorar muito, não é verdade?

Ah! é que tu comprehendes — eu não sei, eu não te posso amar... mais.

Raul Tioenca

LÁGRIMAS

I

No mais profundo de mim mesmo existe
Um lonjínquo oceano transcendente,
Que ao sol do Amor, em névoa, de repente,
Se transfigura e exalta e me põe triste.

E porque a formosura só consiste
No Amor erguendo a alma injénuamente,
— Névoa de Amor que aos olhos meus subiste,
— Nunca cesse o teu vôo eternamente...

Névoa de luz profunda ao céu erguida,
Névoa de Deus iluminando a Vida,
— Ei-la em meus olhos róxos de chorar...

E quem me dera a mim poder sentir-te
Continuamente, — ó Alma, — e possuir-te
A dilatar-me em lágrimas o olhar...

II

Meu Amor: — se eu pudesse dizer bem,
— Tal como sinto em mim —, devagarinho,
Toda a ternura, todo o meu carinho,
Em palavras suavíssimas de Mãe;

Ah! meu Amor, se conseguisse alguém
Contar o luminoso, o ideal caminho
Que vão seguindo as almas, de mansinho,
Extasiadas, pelos céus além;

Se, — mergulhando os olhos no profundo
Oceano da Alma, em Deus, — ao Mundo
Pudéssemos contar quanto avistámos,

Talvez, ó meu Amor, com sinjeleza,
Eu pudesse dizer toda a Beleza
Das lágrimas de Amor que ambos chorámos...

Coimbra, 1910.

Maria de Castro.

JUSTIÇA SOCIAL

Os lavradores caseiros

Nesta sagrada ora da nossa Istória, em que o Povo Português, liberto, enfim! da escravidão e da corrupção monárquicas, principia a respirar e a viver uma vida mais justa e verdadeira, não devemos esquecer as nossas pobres populações rurais, distantes das cidades onde esta nova vida se ajita, curvadas sob o peso dum trabalho duro que a fome torna ainda mais duro! Os *lavradores* são a parte mais esquecida do nosso Povo, porque vivem longe do mundo onde se luta e pensa, em perfeita noite medieval, povoada de bruxas e fantasmas e de todas as superstições católicas que os padres, estreitos e brancos, lhes injectam na alma, como se injecta um veneno — nessa alma que, a nu e a limpo, é aquela Alma excepcional, intuitivamente naturalista e mística, que criou a Saudade, promessa duma nova *Civilização Lusitana*.

Se o Padre lhes adultera o espírito, o Proprietário arruina-lhes o corpo. A vida económica do lavrador caseiro (arrendatário de prédios rústicos) é desoladora, o que prejudica a agricultura e, portanto, a riqueza nacional. Muito á a fazer para melhorar esta pobre classe de trabalhadores a que está confiada a cultura da Terra.

Vejamos o primeiro passo a dar neste sentido.

Um lavrador, com mulher e filhos, *arrenda umas terras*; para isso, tem de comprar, quasi sempre a crédito, as alfaias agrícolas, o sustento de um ano para uma família, sementes, etc. O pobre omem, já endividado por causa duma propriedade de que não colheu ainda o menor lucro, trabalha de sol a sol, durante um ano, cheio de cuidados e canseiras; e no fim desse mesmo ano, o senhorio, por um capricho qualquer (porque lhe não deu o voto nas eleições, por se esquecer de lhe tirar o chapéu, etc.) despede-o. A situação em que fica esta criatura humana que representa uma família, às vezes numerosa, não se pode

admitir num País como é oje o nosso — civilizado.

E todavia é facil remediar esta grande injustiça, sem a menor ofensa aos interesses económicos dos proprietários. Basta legislar que o arrendatário de prédios rústicos não possa ser despedido pelo senhorio durante os primeiros cinco anos, salvo, é claro, praticando o arrendatário os casos previstos no artigo 1607.º do Código Civil, ou deixando de cumprir o que manda o artigo 1627.º do mesmo Código.

O que se impõe, portanto, antes de tudo, para que melhore a situação económica dos lavradores caseiros é alterar o artigo 1628.º do Código Civil, estabelecendo-se que, *não tendo sido declarado o praso do arrendamento, entender-se-á que este se fizerá pelo praso de cinco anos, salvando-se ao arrendatário o direito de entregar as terras, durante este mesmo praso, logo que cumpra o previsto na primeira parte do artigo 1629.º, porque a última parte deste artigo deve ser também alterada, assim como o artigo 498.º do Código do Processo Civil, em harmonia com a nossa ideia, e mais legislação contrária.*

Quanto aos arrendamentos por contrato escrito, não se deve permitir que sejam feitos por menos de cinco anos, salvando-se igualmente, a favor do senhorio, as disposições dos citados artigos 1607.º e 1627.º do Código Civil; e para o caseiro, o disposto na primeira parte do artigo 1629.º do mesmo Código, quando as partes contratantes assim o entenderem.

Desta fórmula, o arrendatário, que faz grandes despesas quando arrenda uma propriedade, fica talvez com tempo bastante para se indemnizar dessas despesas antes de ser despedido pelo senhorio, o que é absolutamente justo.

Nada mais cruel, repetimos, que a situação dum lavrador com mulher e filhos, endividando-se por causa dumas terras que lhe não pertencem, e das quais é expulso, sem, ao menos,

ter tido tempo de reaver o que perdeu!

Eis uma grande injustiça que não deve subsistir numa Pátria redimida que, semelhante a Lázaro, quebrou as tampas do sepulcro!

Defendam-se as classes populares que são o sangue alma do País; o *resto* é uma mixórdia europeia sem character, sem pátria, um pouco parisiense e romana, um elemento apenas de dissolução e morte.

Como o Portugal de D. João I, o de 1640, o de 1810, o Portugal republicano só pode e deve contar com o Povo. E o Povo rural e agrícola, a quem a terra oferece a sua mão de Noiva fecunda, depois de educado e libertado, será a base indestrutível duma Democracia rústica e campestre, que á de dar a sua flôr orijinal e eterna, sob a invocação de Pan e de Jesus.

Teixeira D'Almeida

Exposições de Arte

Exposição de desenho e pintura

Colhemos uma agradável impressão da visita que um destes dias fizemos a casa do snr. Júlio Costa, onde se acha instalada a 1.ª exposição dos trabalhos de suas alunas. A par da correcção com que, em geral, foram ezeutados os trabalhos expostos, notam-se apreciáveis faculdades em algumas das jovens expositoras.

Claro é que numa exposição deste género se não podem estranhar imperfeições e incertezas, e ao fazer-se uma noticia destas deve ter-se sobretudo em vista o estímulo e a emulação daqueles que predados possuem para se afirmarem.

D'entre as alunas que expõem trabalhos, algumas á que mais saliente lugar no certame occupam, quer pela afirmação de trabalho e boa vontade, quer mesmo por uma revelação de ábeis qualidades que muito delas permite esperar. Que esta consideração aqui feita sirva para mais estimular essas prendadas senhoras, sem contudo levar ás outras a minima impressão de tristeza e de desánimo.

Dentro deste critério, avulta em primeiro logar a snr.ª D. Maria Amélia Carneiro, pelo trabalho que produziu, do qual alguns quadros a negro e a óleo se destacam. São também muito apreciáveis uns retratos a negro de D. Beatriz Costa, que também expõe uns lindos quadrinhos a óleo, D. Amélia Crispiniano, D. Beatriz Frias, D. Lívia Braga, por um bom retrato de sua irmã e duas telas de suave transparência e frescura, não esquecendo umas lindas flores de D. Margarida Ramalho.

Primavera de Deus

Primeira vez que os olhos meus rezaram,
Abranjendo o horizonte, o céu, o espaço,
E em meu olhar estático passaram
As coisas, num fraterno, unjido abraço;

Primeiro verso traduzindo a minha
A'nsia indomável de Beleza e côr,
E primeira emoção, a que adivinha,
Em tudo quanto existe, igual Amôr;

Primeira eterna ora admirável
Em que eu senti meu coração vibrando
Com as coisas, num ritmo inefável,
— Névoa, pedra a sonhar, fonte chorando...

Primeira vez que os braços meus cingiram
Um tronco viridente, ou a emoção
De que meus olhos tristes se cobriram,
Como abraçasse o próprio coração;

E a vez primeira em que na minha frente,
Na minha alma simples, repousou,
— Como oração de névoa sobre um monte, —
A consciência clara do que sou;

Primeiro dia iniciado e puro,
— Todas as almas têm alvoradas —
Em que senti as coisas, de mãos dadas,
Caminharem comigo para o Futuro;

Primeira vez em que um sentir profundo,
Num delírio sagrado, adivinhou
Um invisível, transcendente mundo,
— E o silêncio e os mistérios escutou;

... Alma-fraterna que me disse tudo
E me ensinou a olhar e a perceber
A emoção deslumbrada, o sentir mudo,
De rocha ou tronco, ou de alvorada ou sêr;

Primeira vez em que caí de gíolhos,
— Postas as mãos, a luz do sol no olhar —
Bebendo a luz divina pelos olhos,
Sentindo a sêde espiritual de amar;

Primeira vez em que chorei de encanto,
Primeira elevação religiosa
Da minha alma, enternecida, ansiosa,
A pressentir em mim o herói, o santo;

Quando, vivendo em mim profunda a vida,
Em minh'alma vestida de esplendor,
Sentí a própria alma renascida,
A aleluia, a anunciação do Amor;

Primeira vez em que na minha Arte,
Nos meus versos, — mãezinha —, te senti,
— Foi um passo que dei a procurar-te,
— Primeiro passo na ascensão p'ra ti!

... Como alguém que subisse a grande altura
E aos poucos fôsse p'ra tocar os céus...
— Que as almas sobem pela formosura,
— Ao Monsalvato onde floresce Deus.

— Deslumbramentos, emoção, bondade,
Foram degraus nesta ascensão de Amor.
— E as lágrimas — que toda a claridade,
— Toda a Vitória é ganha pela Dôr...

Há quanto tempo estava à tua espera?
Que saudosa emoção de uma outra vida.
Me ensinava a esperar a Primavera,
Sentindo a Primavera em mim florida?

Sabes, — mãezinha? — como a flor existe
Na semente que sonha, a germinar,
E a alegria maior num olhar triste,
— Porque ser triste é um modo de chorar;

Como o som no cristal, ansiosamente,
Espera que o libertem, e o granito
Sonha a libertação em luz ardente,
Na instantânea visão dum infinito;

— Assim, mãezinha, — a tua formosura
Desde o Princípio vive em minha vida.
E em ti floresce a minha vida pura,
Em perfeição e harmonia unjida...

Assim já noutras vidas pressentimos
Esta Vida-Maior que oje vivemos,
Já neste Amor outras paisagens vimos,
E outras dores puríssimas sofremos...

Já nos beijámos em crepúsc'los de oiro,
Nos confundimos num etéreo abraço!
— Fomos joias, — Amor —, de igual tesoiro,
— Fomos luz e visão no mesmo espaço,

Fomos seiva num tronco aureolado
Em luz de névoa, em bênção de arrebol,
E o nosso Amor andou transfigurado,
Em beijos de oiro, em luz fecunda, em sol!

Tudo palpita em nós, tudo rodeia
O nosso Amor, — tudo êste Amor nos diz!
— E se quero cinjir a própria ideia,
— Nem eu compreendo como sou feliz!

Augusto Guimarães

A Escola e a República

Inúmeras vezes se tem proclamado por todas as formas convincentes de divulgação que não á oje, na definida época de civilização em que a nossa vida decorre, nacionalidade que não tenha o determinismo da sua acção e do seu futuro estruturalmente condicionado pela situação moral e material em que a Escola se encontre para preencher o seu fim educativo.

Na Escola se preparam e modelam as gerações que ão de constituir essa nacionalidade e que lhe ão de imprimir a feição que no seu character vincou a educação recebida, quer engrandecendo-a e fortificando-a, quer entorpecendo a sua acção, tolhendo toda a iniciativa audaz, convertendo-a, enfim, no marasmo pútrido duma inacção dissolvente, que não pode deixar de redundar, pelo acumulado decorrer dos tempos, num vergonhoso e irremissível aniquilamento.

Sob este ponto de vista, que a insistência com que á sido repetido tornou já um banal lugar comum, desolador e ao mesmo tempo revoltante é o funcionamento íntimo da nossa vida escolar, regulado ainda, nesta ora alta de audácia e de cultura, pelos infecundos e depressivos princípios que lhe impuseram longos séculos de absurdo predomínio teocrático.

Entristece e indigna, na verdade, o ver como entre nós se tem tratado este primacial problema. Fazendo da Escola uma delegação do monstro burocrático que tudo absorve e perverte, e subalternizando-a a todas as vilezas políticas ocasionais, o regime dava-nos assim a formal certeza de que toda a iniciativa racional que a tam degradante situação procurasse pôr côbro seria sistematicamente combatida e desvirtuada.

E o facto é que todos os esforços nobres de omens cultos que em várias circunstâncias saíam a pelejar em defesa da Escola irremediavelmente esbarravam perante a irremovível má vontade ou a caracterizada impotência do regime deposto, que

parecia apavorar-se ante a revolucionária corrente que pretendia modernizar e emancipar a Escola, intuitivamente prevendo que, de qualquer revolução pedagógica que se operasse, para êle derivariam os mais subversivos efeitos.

Convinha, porventura, a um regime que possuía, apesar de toda a provada estreiteza da sua visão critica, a noção intuitiva do seu fundamental antagonismo com o espírito do século, que palpava e sentia em tórno de si e através das illusórias aparências de fidelidade cortesã, um ambiente de irreductível ostilidade—convinha, porventura, a um regime assim divorciado da nação, que todos os seus *súbditos* recebessem da Escola, sem sofismas nem amputações, o alimento espiritual que lhes é devido e que fatalmente lhes iria revolucionar as almas até então oprimidas e cerradas, arrancando-as da adormecida inconsciência da sua ignorância para as ansiadas interrogações da dúvida e do livre exame, e nelas acordando latentes germes de revolta, que, corporizando-se e solidarizando-se, não tardariam a desmoronar todo um sistema, em que então nada mais se veria nem sentiria do que a Iniquidade travestida nos seus mil diversos e torpes disfarces?

Felizmente para todos nós, a situação mudou radicalmente. Derrubadas e para sempre banidas instituições que, além de todos os vícios que constitucionalmente as corroíam, nos afrontavam com o absurdo vexatório em que orijináriamente assentavam, eis-nos, enfim, senão de todo libertos, pelo menos no limiar duma nova e prometedora era, larga e luminosa, que nos permite esperar que melhores e mais felizes tempos para nós de futuro raiarão e que não mais sistematicamente se inutilizarão os esforços daqueles que, tendo do patriotismo uma noção mais ampla e mais culta, procuram arrancar este povo do secular atraso em que criminosamente o teem feito estagnar.

A Democracia não tem por si a fôrça. Só pelo Direito pode subsistir, libertando-o de todos os prejuízos que o deturpam, purificando-o e engrandecendo-o,

e apresentando-o ao mundo como o mais belo e o mais firme penhor da sua grandeza e do seu prestígio. É o significado deste nobre princípio que a República mais precisa radicar, adoptando-o como norma basilar dos seus actos, inscrevendo-o como lema superior da sua acção e fazendo-o amar dos omens como o ideal mais perfeito e que mais estreitamente os deve a todos unir.

Ora, esta elevada noção, principal razão de ser duma democracia, só pode ser difundida e radicada pela Escola, erguida à prestigiosa altura da nobre missão educativa que a civilização lhe incumbe.

É, pois, na Escola que a República encontrará a mais perfeita e sólida garantia da sua estabilidade. Mas, para que ela corresponda a este ideal, para que esse *desideratum* se atinja, de urgente e palpável necessidade é reformá-la completa e radicalmente, refundi-la *de fond en comble*, do primeiro grau de ensino primário ao último de ensino superior, estirpando-lhe o espírito jesuítico que a deprime com os seus vícios seculares, emancipá-la, odiernizá-la, fazer dela a mais preciosa alavanca do nosso rejuvenescimento moral, intelectual e físico.

Entre nós, a acção da Escola quasi se limita a ficisar noções fragmentárias e dispersas, pondo em jôgo primacialmente a memória, quasi deixando inactiva a intelligência. E outro erro gravíssimo ainda é limitar a função da Escola á aquisição mais ou menos racional, mais ou menos extensa, destas ou daquelas noções, deixando absolutamente de parte a educação da vontade e a formação moral do character do aluno.

São bem evidentemente os perniciosos efeitos da intromissão de elementos reaccionários na educação da mocidade.

É bem sabido que para tais elementos toda a rebeldia individual é criminosa, e que o seu ideal educativo seria a raspagem de todas as arestas que marcam as individualidades distintas, a submissão apagada de todas as vontades ás determinações supremas e uniformizadoras da disciplina. Mas o nosso ideal é diametralmente oposto.

Queremos vontades que se afirmem, individualidades que se não dissolvam em subserviências degradantes e que a todo o momento gritem bem alto o clamor da sua justiça, não permitindo o menor ultraje ao património sagrado dos seus direitos e, conscientes e altivos, combatendo intransigentemente todas as sofismasções da Verdade.

Eis o que é mister e urgente fazer-se. Não pode separar-se, na Escola moderna, a instrução da educação, que mutuamente se completam e uma na outra se integram.

O que é preciso, acima de tudo, é mudar radicalmente o espírito e o ideal da Escola. Preparar para a Vida, criar omens verdadeiramente aptos para com ela se defrontarem em todas as circunstâncias e de todas as contingências saberem triunfar, fortalecendo e estimulando a vontade individual, desenvolvendo a inteligência e munindo-a de noções úteis à perfeita compreensão da vida, criando e enraizando a noção de carácter, sem a qual não á homem verdadeiramente digno dêsse nobilitante qualificativo, eis aí uma vasta e bela obra a empreender, de que á de sem dúvida sair uma pátria nova, que bem mereça ocupar um lugar onroso entre as nações que mais a peito tomam o problema educativo, como condição essencial do seu progresso.

Desempoeirada, assim, a Escola dos mil prejuízos que a enleiam e pervertem, liberta das erróneas noções que ao seu funcionamento teem presidido, e convenientemente refundida a educação intelectual e pedagógica do professor (sem o que toda a tentativa de modernização resultaria estéril) surjirá, emfim, dos escombros dêsse passado para sempre sepulto uma nova pátria, dentro da qual caibam todas as aspirações nobres de trabalho e de progresso, e cuja felicidade e grandeza sobretudo derivarão do seu culto pelo Direito e da alta e clara compreensão do seu papel nos destinos da Umanidade, em cuja evolução o seu esforço consciente necessariamente se integra.

James V. Leitch

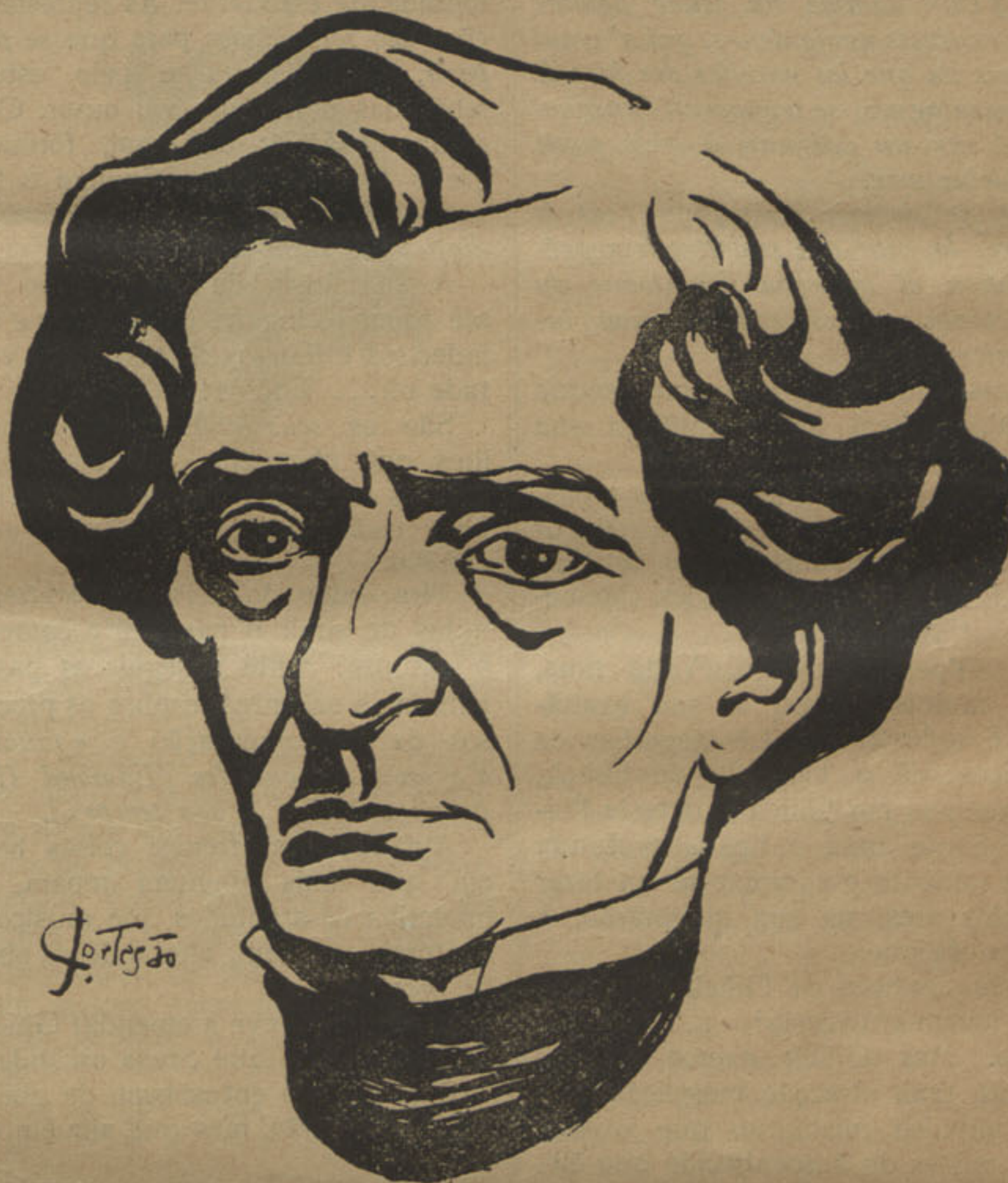
OS GRANDES MORTOS

O músico EITOR BERLIOZ

Quando, aos 19 anos, Eitor Berlioz foi para Paris estudar medicina, eram bem rudimentares os conhecimentos de técnica musical de quem ia, em breve, fazer na música uma assombrosa revolução; solfejava, quan-

enfant du siècle). . . . e Berlioz foi bem a encarnação do seu tempo. Essa estranha vida que os escritores representavam nas suas obras, viveu-a êle.

Desde os 12 anos que o amor o



Nascido a 11-12-1803

(Desenho de Jaime Cortezão.)

do muito, e tocava... viola, mas levava consigo a maravilhosa intuição do génio.

Estava-se em pleno romantismo.

Era a época das emoções, das lutas, dos furores, dos arrebatamentos, da dedicação, sem limites, à arte. (Teófilo Gautier.)

«*Les mères inquiètes avaient mis au monde une génération ardente, pâle, nerveuse. . . . les esprits exaltés, souffrants, toutes les âmes expansives qui ont besoin de l'infini plient la tête, en pleurant; ils s'enveloppent de rêves maladifs et l'on ne vit plus que de frêles roseaux sur un océan d'amertume*». (A. Musset. Confession d'un

lança na exaltação e no sofrimento, e essa dolorosa loucura do amor acompanhá-lo-á até ao leito de morte.

«*Le vertige me prit et ne me quitta plus*».

Je n'esperais rien, . . . je ne savais rien, mais j'éprouvais au cœur une douleur profonde». (Memórias, tomo 10.)

Estudante de medicina por imposição do pai, confranja-se. Orrorizava-o a ideia de que ia dissecar cadáveres, ver operações mortuosas, e ouvir o estertor do *avoir pas*tes, êle que já sonhava *sisse tant aimuiter l'empyrée pour loven, ou Shakespours de la terre!*» *l'aimé peut-être*.

Essa oníve ne m'en console pado,

não sabe os *trucs*, não toca piano, não recebeu a *preparação* consagrada e isto horroriza os sábios.

Mas é o gênio, a intuição, o entusiasmo, a espontaneidade.

Abriu-se para a Música uma nova era e uma nova Arte, insólita e inesperada, e Roberto Schuman, o sombrio, o pessimista Schuman dirá: «é belo e excede Beethoven».

Ah! Mas êle fala com eloquência divina, e a sua geração... balbucia. O *profanum vulgus* quer cavatinas e Berlioz *nesse jardim povoado por macacos, a que chama a bela Itália*, pouco pôde colher.

Ele defende a causa do Romantismo, êle é o maior dos românticos, mas os seus irmãos não o compreendem; pintores, escultores, e músicos são *rossinistas*.

A educação musical dos literatos é baixa.

Musset é um *dilettante* furioso do Teatro-Italiano e Gautier escreve: «*La musique est de tous les bruits le plus couteux et le plus desagréable*»!!!

Na Alemanha tem soberbas oras de triunfo. *Romeu e Julieta*, as *Cenas do Fausto*, a *Sinfonia Fantástica* despertam um entusiasmo louco; aplausos intermináveis, abraços, lágrimas, batutas de prata que os seus músicos lhe ofereceram, cartas e coroas enviadas por mãos desconhecidas. Mas as oras de triunfo não compensam as da amargura.

Paris vê nele um homem extraordinário, sim, mas doido, paradoxal. E afinal, Paris tinha razão; êle não era ômem de seu tempo, êle nascera cinquenta anos mais cedo, êle era ômem paradoxal na verdade. A sua instrumentação é guiada por um instinto misterioso e os seus processos escapam à análise, diz Camille Saint-Saëns, porque não existem; *les instruments paraissent disposés en dépit du sens commun; il semblerait pour employer l'argot du métier que cela ne dût pas sonner et cela sonne merveilleusement.*» (C. Saint-Saëns — *Portraits et Souvenirs*).

Paris acolhe com *desdém* a *Condenação de Fausto*, que cai miseravelmente! Como isto oje nos parece bárbaro, monstruoso, infame!

Aquela soberba *Introdução*, o *Côro da Páscoa*, a *Cena das marjens do Elba*, o admirável *final da III Parte*, a *Balada do rei de Tule*, a *Invocação à natureza* não eram ainda música sublime!?

Um abismo profundo separa então os nossos sentimentos dos daquela época e dir-se-ia que aqueles omens

Os Colaboradores d'A ÁGUIA



J. L.

(Desenho de Verjílio Ferreira.)

não foram nossos ascendentes imediatos, mas habitantes duma China primitiva n'um planeta remoto.

A *Condenação de Fausto* é acolhida com *desdém* e Berlioz que nela pusera todo o seu gênio sofre um golpe profundo de que não mais se restabelecerá. Passa pela sua alma uma tristeza mortal. Está pobre e cheio de dívidas, porque, para editar e fazer ouvir as suas obras foi preciso gastar muito dinheiro, e elas só endividaram.

Sua mulher, Enriqueta Smithson, a que fôra a *fair Ophelia*, está paralítica incurável; seu pai, que êle amava muito, morre e nesse longo período de desolação Berlioz só pode escrever a *Marcha Fúnebre de Hamlet*, em que põe por epígrafe estes versos de Ovídio:

Qui viderit illas

De lacrymis factas sentiet esse meis.

A suave *Infância de Cristo* traz-lhe depois um sucesso, mas Berlioz acha-o *calunioso* para o resto da sua obra, e finalmente a queda estrondosa dos *Troianos*, seguida da morte de seu filho único, é, pode dizer-se, a causa da sua morte, porque Berlioz sucumbiu a uma neurose gastro-intestinal, filha sem dúvida de uma neurastenia. As suas últimas palavras são um grito de descrença: «Tudo me é indiferente».

A acção de Berlioz na música sin-

fónica nenhuma outra tem que a iguale.

Chamou-se a Wagner o músico do futuro e é curioso ver o que o futuro responde.

Contra o drama wagneriano acentua-se uma reacção muito viva e não deixa de ser interessante que do Wagner, reformador do drama musical e a quem chamaram *gênio essencialmente dramático* vai ficar o sinfonista, figura bem acentuada, sem dúvida, colossal, mas que, não é menos certo, proceda de Liszt e de Berlioz.

Noutra ordem de ideias, um dos maiores músicos vivos, Camilo Saint-Saëns tem uma opinião mais radical sobre a influência que Wagner e Berlioz virão a ter na música do futuro.

Desde que João Bach, diz Saint-Saëns, fez triunfar a enarmonia com o *Clavecin bien tempéré* as formas da arte foram renovadas, mas este triunfo é baseado numa *eresia* e á de cair.

Que ficará então da música actual? pergunta Saint-Saëns, e responde: «Talvez só Berlioz, que não sabia piano e tinha um horror instintivo pela enarmonia; e nisto é êle a antítese de Ricardo Wagner, a enarmonia feita omem!»

Em Berlioz, o músico é pois digno de uma admiração escepcional e dele e da sua música podemos dizer o que êle disse de Beethoven: «é a música de uma esfera superior..... um Titan, um arcanjo, um trono, uma dominação; podia e devia mesmo ter parafraseado a apóstrofe do Evangelho e dizer: omens o que á de comum entre mim e vós?»

Mas, em Berlioz á que admirar o crítico, o primeiro crítico musical da sua época sem contestação, diz C. Saint-Saëns (*Portraits et Souvenirs*), o prosador finíssimo duma elegância perfeita e de uma graça inescidível.

Os seus sete volumes de crítica, de viagens, e de memórias, e os dois volumes de correspondência íntima, bastariam para fazer uma reputação literária.

O seu amor à arte foi grande e puro e pelos seus pais, Glück, Weber, Beethoven, Goethe, Verjílio e Shakespeare teve sempre um culto terno e comovente.

A' na última pájina das suas *Memórias* estas palavras: «*Il faut me consoler de n'avoir pas connu Virgile, que j'eusse tant aimé, ou Glück, ou Beethoven, ou Shakespeare... qui m'eût aimé peut-être... Il est vrai que je ne m'en console pas!*»

Na primeira pájina dos *Troianos* escreve: *Divo Virgilio*, e quando um dia a orquestra do príncipe de Hohenzollern ezequta majistralmente *Romeu e Julieta*, que o mestre de capela do príncipe esclama «não, não, nada á mais belo» que a orquestra se levanta arrebatada e que estala um aplauso imenso, Berlioz em eistase vê luzir no ar o olhar sereno de Shakespeare e diz baixinho «*Father, are you content?*» (carta a Humberto Fernand, de 9 de maio de 1863).

Oje Berlioz está em plena glória, mas o futuro há de proclamá-lo a mais bela e a mais caraterística figura

de artista do seu tempo, o mais digno de ser amado. Genial como músico, sim; mas a música era apenas a linguagem natural da sua grande alma, dessa alma em que tudo foi extremo: amor e ódio, alegria e tristeza; que sofreu, até ao fim, dores cruciantes e ineiscedíveis, mas que conheceu eistases ignorados; que chorou lágrimas amargas de tristeza e chorou lágrimas duma alegria inefável.

E essa alma, tão grande como era, ficou-nos para sempre nas suas obras.

João da Silva Figueiredo

A COMUNHÃO DOS POVOS

Águia:—Alma,—és o Sonho imaculado e grande, centro eterno da Vida esplendurosa e bela.

Tu, por quem toda a terra e todo céu se expande, e a sombra se faz luz, e a luz se faz estrêla!

És o flúido que sobe ao infinito, e desce,— como o aroma dum lírio e a doçura dum canto...

—Lágrima, riso, beijo, áncia, saúdade, prece, tudo o que a vida tem de dolorido e santo.

És a umana razão,—consciência e sentimento,— pérola, ninho e flor, grão de areia e universo!

És o rumor da folha—á agitação do vento!

És o rumor do beijo—ao embalar do berço!

Fizeste a guerra, eu sei; fizeste a dor, embora!—

tambem fizeste quanto ideal e belo existe!

Foi assim que da Noite ergueste o vôo á Aurora!—

Foi assim que do Instinto á Consciência subiste!

Mares ao lonje, as naus de velas desfraldadas, acendendo o Santelmo á vibração dos mastros, almas que um dia á gleba eu vira condenadas, noutro via-as subindo em resplendores d'astros!

Vi o pranto de Sparta, á pressão das aljemas, enxugar-se no rosto onde negro corria,— ora á fúria ultriz das cóleras supremas,— ora á chama do amor que as almas acendia...

Amor do Bem, amor de Justiça, sublime e nemorosa paz cobrindo mundos novos...

Sobre o solo, onde só frutificava o Crime, frutifica o ideal da comunhão dos Povos!

Guarda.

João Augusto de Castro

As côres da bandeira

A artistas portuenses nos dirijimos, pedindo suas opiniões sobre as côres da bandeira. Eis as respostas de alguns:

De **António José da Costa**:

Como arte, não gosto do *verde e vermelho* para a bandeira. O *azul e branco* é que me agradam. Estão estas côres condenadas pela orijem?—Em tal caso prefiro a *côr* ou *côres* da bandeira dos nossos grandes descobridores, que, creio, era toda branca.

De **Cândido da Cunha**:

Acedendo ao pedido que nos é feito pela revista *A Águia* para emitir a nossa opinião sobre as côres a adoptar na nova bandeira nacional, diremos que, sob o ponto de vista estético, a mais feliz combinação de côres em bandeiras até hoje adoptadas é a do azul com o branco: porque ao seu simples valor associativo, de evidente simpatia, acresce o facto de sobre essas cores se harmonizarem e destacarem com nitidez quaisquer emblemas nelas sobrepostos.

As côres vermelha e verde, adoptadas provisoriamente na actual bandeira da República não nos parecem, artisticamente, muito acertadas, porque da justaposição dessas côres, dadas as *nuances* escolhidas, resulta uma sensação de tristeza. Mas, se razões de ordem histórica impõem a escolha das côres verde e vermelha na nova bandeira nacional, parece-nos que o melhor, para harmonizar as opiniões, seria separar essas côres pelo branco que, neste caso, também póde admitir-se como símbolo da paz, ficando assim a nova bandeira portuguesa de melhor efeito e mais luminosa.

Cumpre declarar que, restringindo ás côres da futura bandeira nacional a nossa opinião, a colaboração dos artistas pouco influirá no bom éxito do assunto, pois que da composição total as próprias côres á primeira vista incompatíveis produziram efeitos variados e imprevistos.

De **Júlio Costa**:

Acedendo ao convite para o inquérito, sobre as côres da nova bandeira portuguesa, aberto pela *Águia*, direi que, achando a bandeira da revolução—verde e vermelha—bem, queria a bandeira da Pátria azul e branca.

De **Júlio Pina**:

As côres azul e branco são belas, doces e ideais, lendo-se nelas o nosso amor, sentimento e caráter, sendo incomparavelmente as únicas côres mais lindas, mais sugestivas e que mais traduzem a alma portuguesa.

Acho-a inconfundível, entre todas as outras bandeiras.

O azul e branco da nossa bandeira são côres tão portuguesas, tão nossas e nasceram tanto connosco, que dir-se-á que a nossa alma é composta das mesmas côres, assim elas comparti-

ham de nós, como duas irmãs muito ternas e santas.

As côres verde e vermelho, embora tenham a sua significação histórica, acho-as cruas, frias e incompatíveis com o temperamento e sentimento português.

Em relação ao todo geral, ou emblema da bandeira, sou do mesmo pensar do nosso glorioso poeta Guerra Junqueiro.

Um simples alvitre: não se poderia possuir as duas bandeiras? a verde e vermelho, como símbolo da Revolução; e a azul e branca, como símbolo da nossa Pátria querida?

De João Augusto Ribeiro:

Acedendo, de bom grado, ao desejo da redacção da nova revista *A Águia*, emitimos o nosso parecer individual acerca das côres da bandeira portuguesa a adoptar com a implantação da República.

As côres da antiga bandeira nacional, azul e branca, manteem ainda, pelo que observamos, uma larga simpatia; entre os adeptos destas incluiríamos o nosso nome se razões de ordem moral muito ponderáveis não impusessem uma modificação no símbolo da nossa Pátria rejuvenescida.

A bandeira verde e vermelha, tal como a vemos flutuar nestes dias de triunfo democrático, desagradam-nos como solução estética; porque devendo em todos despertar um puro sentimento de regosijo, tal associação cromática sujere, pelo contrário, uma impressão material de aniquilamento.

Condenamos, em geral, na composição duma bandeira, o emprêgo de tons compostos, como o verde, o violeta e o alaranjado. As côres primárias ou fundamentais, a azul, a amarela e a vermelha, deveriam constituir únicos elementos de arranjo, definindo, pela sua disposição apenas, uma tendência ou um ideal. Para que essas côres, agora justificadas pelos acontecimentos, possam prevalecer de acôrdo com as leis da óptica artística, é indispensável uma certa medida na sua intensidade e na precisão espectral. Que a uma determinada *nuance* vermelha corresponda rigorosamente a respectiva complementar, verde, uma gama clara, vibrante, equilibrada de que resulte uma luminosidade subjectiva reveladora do progresso e da vitória. Ou isto, que a ciência expressamente impõe, ou então, desde que as côres em vigor subsistam, o intercalamento do branco como moderador de dissonâncias inevitáveis.

De Joaquim Vitorino Ribeiro:

A meu ver, uma pátria nova deve ter também uma bandeira nova—com as verdadeiras côres que a simbolizam. Por isso a vermelha e a verde são as mais próprias. Só necessário é, porém, encontrar entre elas ap erfeita harmonia dos tons.

De Júlio Ramos:

Sob o ponto de vista estético prefiro o azul e branco. O vermelho e verde, sem outra cor intermediária e uma disposição diferente das que teem apparecido até hoje, não podem, a meu ver,

formar uma linda bandeira; mas, se me pergunta qual delas deve ser escolhida, dir-lhe-ei que nem uma nem outra. A minha opinião é que seja aberto concurso entre artistas portugueses para se estudar uma bandeira completamente nova, acabando, assim, com opiniões partidárias que sacrificam, o mais das vezes, o bom gosto e o bom senso às suas ideias apaixonadas, e evitando que se prolongue por mais tempo esta indecisão na escolha da futura bandeira da Pátria.

De Teixeira Lopes:

Sou de opinião que devíamos conservar o azul e o branco; acho que são as crôes mais harmoniosas, mais alegres.

Junqueiro deu um plano admirável para essa nova bandeira e nós devíamos segui-lo sem alterar nada. Por cima do escudo, em lugar da coroa, um aro de estrelas seria lindo e novo.

BIBLIOGRAFIA

A Águia propõe-se organizar um rejisto bibliográfico, tão completo quanto esteja em suas forças. A editores e autores recomendamos esta circunstância, certos de que não deixarão de nos auxiliar.

—Recebido o livro de versos, *Para a Lucta*, de José Augusto de Castro. No n.º 2 se apreciará.

A asneira nacional

Teatro

Três profissões á nesta boa terra a que a estupidez nacional arbitrou as seguintes caraterísticas fundamentais: não saber ler nem escrever; cuidar pouco o caracter e não ter em grande pêso a dignidade. Teem por nomes as ditas profissões: actor, professor e jornalista. A todas daremos um ar da nossa atenção.

Agora, e por maior oportunidade, olharemos sôbre a primeira.

Actor!... Diz-se a palavra e já nem sequer sabemos dar-lhe o significado próprio. E' actor o palhaço ridículo que só trabalha para fazer rir o público anónimo? E' actor a criatura repelida de todos os misteres que nos palcos entrou primeiro nas amorfas massas corais e depois foi *subindo* até o invêjado galã, ou o antipático cínico. E' actor o peralta enfatuado que tudo olha das suas olímpicas alturas, com o desprezo peculiar ás reputações *bera*?—Sabe-se lá.

Na simplicidade rústica da natureza, tão bem representada nos soalheiros sadios dos campos, o mais ignorante cavador sabe que dum burro não pode tirar um cavalo, como dum gato não pode fazer um furão. Conhece aperfeiçoamentos de raças, mas dentro das suas condições limites. Estuda-lhes a forma de alimentação, a melhor maneira de cruzamentos—mas não tem destes desvarios:—vamos fazer deste camelo uma jirafa!—A bondade injénita dá clarões de bom senso.

Cá, nestes desvãos da sociedade podre, tudo anda de forma contrária.

Dum sapateiro, que no seu officio era um mestre e um onesto, faz-se um actor, imbecil, prejudicial e sem a onradez dum trabalhador conciente. Dum trolha, dum policia, dum varredor municipal, todos escelentemente nas suas profissões, tiram-se jornalistas e professores... a falsearem a opinião e o ensino.

Tem de ser, pois, bem dissolvente a influência de tais entidades nos tres fundamentais esteios da educação dum povo: o teatro, a instrucção e a imprensa.

Olhemos para esses palcos portugueses. Que nojo e que desolação! Nem vale citar nomes.

—E' o público que não está apto á boa Arte, ao bom teatro?—Não pretendamos imbecilizar-nos a nós mesmos. O público está apto para tudo quanto é grande; esses autores que por aí negociam peças é que nem para público estão aptos.

Jornalistas...

É o caso do teatro. É jornalista toda a gente; como é professor todo o *ilustre* nulo. E o resultado vê-se, nesses jornais de toda a espécie. Meia dúzia de bons escreventes não salvam a grande massa. E as folhas mostram o retrato fidedigno e flagrante das mazelas de quem os faz. Porisso mesmo são coxos e sem sumo.

Protestam, *eminentes* carapuceiros?—Pois, venham de lá os idiotas, que certamente os outros, os dignos, sabedores e onestos, nos applaudirão.

Professores

É o terceiro mandamento da nossa cartilha irreverente. Ninguém á que não ensine, e sempre—coisa notável—tudo o que não sabe. Até são mais que bachareis os professores d'oje. Depois, vendem-se ridiculamente em leilão:—Quem dá mais?...

E o estudante buzina:—Quem ensina por menos?... E o professor, convencido de que esse menos ainda é de mais, muito de mais, para o nada que sabe—faz por menos. (Claro está: ignóbilmente).

—E os bons professores?—Coitados, morrem á fome...

Os «filósofos» jornalistas

E' uma praga a chusma deles. Repellido e atrevidos, serpeiam a todos os cantos do jornalismo, proclamando assombros. Tanto descobrem ser o omem um animal de ábitos, como baptizam Tolstoi de antípoda de Nietzsche, como á lei do divórcio chamam amor livre! *Geniais* ao mássimo, teem o privilégio da suprema asneira. Só lhes falta entrar—e não tardará—na Academia das Ciências... *A Águia*, se lhe é permitido, dá o seu voto.

Irremissível

A cena é de májica. Pega-se num jornal a fazer de palco, enfia-se para dentro dum alcapão um qualquer Fernandes Lopes, bate-se um martelo numa prancha metálica, o diabo dá um silvo—e sai, por entre espessa fumorada, um sábio mais sábio que todos os sábios, um filósofo mais filósofo que todos os filósofos.

E desata a gritar:

—José Sampaio é «rei só em terra

Os Colaboradores d'A ÁGUIA



V. F.

(Desenho de Sanches de Castro.)

de cegos», Sampaio Bruno é um «dos muitos régulos intelectuais com um só olho, que por cá teem crescido, enquanto isto era terra de cegos»

O bom do crítico, porém, defende-se regularmente, visto confessar que na obra de Sampaio apenas conhece a «famosa Ideia de Deus» (de que, certamente, nada percebeu), como reveladora da «capacidade intelectual e artística» do autor.

E aí fica a gente a pensar no modo como essa capacidade, patente ao *grande sábio-filósofo* F. Lopes na «Ideia de Deus», se perdeu ou se não mostrou no *Brazil Mental*, «Modernos Publicistas Portuguezes», «Questão Religiosa», «Ditadura», etc.

Mas, já o garoto d'ali da esquina dizia:

— Não percebo nada, deve ser bom... O resto não presta...

VÁRIA

"A Águia,"

A Águia, sobranceira e altiva, deixa, por instantes, os solitários píncaros da montanha. Soltando gritos eroicos de superioridade, alarga as azas no gesto impetuoso do arranque e já devora os ares, com fervor de vida e luta. Tremem-lhe as garras, no olhar faiscante perpassam-lhe relâmpagos de tormenta. E vóa sempre, no delírio fulminador da áncia.

E se aqui, além, as garras mais se lhe curvam — é para mais as vincar, para mais fundo gravar os sulcos...

Ela grita ardências de fogo. O bico bem forte, as azas bem retezas — só ama a grandeza dos horizontes claros. E sempre para mais alto vóa ela, longe do grasnar

ridículo da imbecilidade, bem fora do coaxar impertinente da estupidéz.

Para lá, para lonje, para o alto — sempre para mais lonje e para mais alto!...

Os "génios,"...

Não á como os *génios* para as grandes previsões. Ainda A Águia andava no chôco e já lhe anunciavam a côr das penas, a força das garras, a tesura do bico. Seria, quando muito, ... galinha.

São os tais grasnar e coaxar que A Águia ouve lá embaixo:...

A nossa ortografia

A não ser que o autor indique a ortografia a adoptar, servir-nos-emos da estabelecida pelo snr. Gonçalves Viana, salvas, é claro, as naturais deficiências inerentes a todas as inovações.

Crise de bachareis

Desta vez sempre parece que a crise de bachareis será resolvida. Não por qualquer grande exportação, ou por compra importante, mas pelo simples estabelecimento dos cursos livres. Só falta saber se, dada a quási geral incompetência dos mestres, a *élite* não será composta simples-

mente d'esses animais exóticos, que também dão pelo nome de «ursos».

Colaboração

Além dos colaboradores efectivos desta revista, aceitaremos todos os que appareçam com geito e arte. Quem saiba escrever tem sempre lugar nesta publicação.

As «crenças» religiosas

Pela expulsão das congregações ostensivas, eliminação dos feriados *santos*, e, até certo ponto, pela lei do divórcio, todas se abalaram as «crenças» religiosas da boa gente portuguesa, sendo muito provável que a sacndidela da separação da Igreja do Estado as derrua por completo. «Crenças» que morrem...

Mas, eram crenças ou credices? Ou era apenas a inércia da imbecilidade duns e a luxúria interesseira doutros?

Alvíçarar

Dão-se a quem encontrar nos palcos portugueses uma peça já não dizemos bôa mas, pelo menos, regular.

A geração nova tem a íntima obrigação moral de procurar essas coisas.

OS NOSSOS INQUÉRITOS

Na revista internacional *Les Documents du Progrès*, o poeta belga Emílio Veraeren escreve:

L'art est-il social? S'il ne l'est, en son essence, doit-il ou peut-il l'être?

Tomemos a questão. Aí fica para ser apreciada e discutida pelos nossos leitores.

* * *

Em futuro número iniciaremos uma série de inquéritos sobre o valor e produções dos chamados literatos portugueses. Os primeiros referir-se-ão aos srs. *Abel Botelho e António Patrício*. Recebemos todas as opiniões, publicando o que nelas se contenha. Só pedimos que todos sejam o mais concisos possível e que não fujam a assinar o que escreverem. Desnecessário será dizer também que, em nada, são chamadas para esta revista as ideias políticas ou religiosas dos criticados. Tão só é indispensável que o valor literário e artístico de cada um deles seja bem marcado.

Aos editores respectivos solicitamos que nos enviem os esclarecimentos que julgarem bons e precisos.

No próximo número, que sai a 15 de Dezembro: «Os Ciprestes», — Poesia de Correia d'Oliveira.

Omenajem a Tolstoi: — Desenhos de António de Carneiro, Cristiano de Carvalho, Jaime Cortesão, João Augusto Ribeiro, Júlio Ramos e outros, e colaboração literária de José Pereira de Sampaio (Bruno), Teixeira de Pascoais, Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão, etc.

Outros variados eseritos (prosa e verso).

COLA

Afonso Duarte,
de Figueiredo
Correia de O
Augusto Gil, Car
ro, Cristiano de
me Cortesão,
sto Ribeiro, Jo
queiredo, José
eira de Sampa
o Ramos, Le
Manuel La
ria de Castro
Castro, Teixe
es, Verjilio Fe